

O trabalho com grupos e ocupação coletiva, no Brasil: alguns apontamentos teórico-metodológicos

Maitê Allegretti¹, Lilian Magalhães²

Resumo: Este artigo discute uma concepção do trabalho com grupos a partir de uma lógica ampliada, circunscrita em uma perspectiva coletivista das práticas da terapia ocupacional. Sendo os grupos uma das formas de intervenção da profissão, seus referenciais, a depender da perspectiva das ações e mesmo dos contextos inseridos, são os mais diversos para buscar soluções das necessidades coletivas. Assim, este artigo objetiva: 1 - problematizar as práticas coletivas de terapeutas ocupacionais, no Brasil, desde a década de 1970; 2 – documentar as ações de nove terapeutas ocupacionais que atuam numa perspectiva coletiva, em diferentes regiões do Brasil; e 3 – discutir de que forma os grupos têm sido pensados/ realizados nas práticas de terapeutas ocupacionais. O texto descreve os aspectos gerais da pesquisa narrativa que deu origem ao artigo, realizada num modelo participativo. Os resultados expõem um mosaico de experiências, orientadas por diferentes referenciais e perspectivas a depender dos contextos e das necessidades dos indivíduos, grupos e coletivos, nos territórios e comunidades. Os enormes desafios no cotidiano dos profissionais que desenvolvem suas ações a partir de paradigmas distintos dos modelos tradicionais, e de certa forma, na contramão das tendências contemporâneas, também são apresentados e discutidos. Ao final, estratégias para aprimorar os referidos processos são sugeridas.

Palavras-chave: terapia ocupacional; grupos; ocupação; ocupação coletiva; contextos

1. Responsável técnica pelo Centro Especializado de Reabilitação CER IV, Colatina - Espírito Santo Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-0397-7621>

2. Universidade Federal de São Carlos, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-3666-3685>

Correspondência: 1 maite.to.1980@gmail.com

Working with groups and collective occupation in Brazil: Some theoretical and methodological notes

Maitê Allegretti¹, Lilian Magalhães²

Abstract: *This article discusses a conception of working with groups from an expanded logic, circumscribed in a collectivist perspective of occupational therapy practices. Since groups are one of the profession's forms of intervention, its references, depending on the perspective of the actions and even the contexts involved, are the most diverse to seek solutions to collective needs. Thus, this article aims to: 1 - problematize the collective practices of occupational therapists in Brazil since the 1970s; 2 - document the actions of nine occupational therapists who work from a collective perspective in different regions of Brazil; and 3 - discuss how groups have been thought of/carried out in the practices of occupational therapists. The text describes the general aspects of the narrative research that gave rise to the article, carried out using a participatory model. The results expose a mosaic of experiences, guided by different references and perspectives depending on the contexts and needs of individuals, groups and collectives in territories and communities. The enormous day-to-day challenges faced by professionals who carry out their actions based on paradigms that are different from traditional models and, in a way, go against contemporary trends, are also presented and discussed. Finally, strategies for improving these processes are suggested.*

Key words: *occupational therapy - groups - occupation - collective occupation - contexts*

1. Manager at the Specialized Rehabilitation Center of the SUS, Colatina, Espírito Santo

2. Adjunct Professor of Occupational Therapy Department at the Federal University of São Carlos, SP, Brazil

Correspondence: *maite.to.1980@gmail.com*

Introdução

No contexto global o individualismo e a falta de compromisso com o outro têm sido uma realidade, contexto em que o coletivismo é percebido com desconfiança e as responsabilidades éticas e compromissos de longo prazo perdem significado. Por outro lado, a mudança dos espaços tradicionais para um novo lócus, qual seja, a rua, os espaços públicos e, tudo aquilo que Milton Santos chama de “lugares de realização do mundo” (1999, p. 7), vem transformando, também, a prática de terapeutas ocupacionais. As intervenções da terapia ocupacional no Brasil têm sua construção histórica marcada por questões éticas, políticas e técnicas, que levaram não só terapeutas ocupacionais, mas outros profissionais, a repensar seus papéis sociais. Assim, a reorientação de uma perspectiva individualista para uma perspectiva coletivista tem sido imprescindível para responder às questões sociais e de saúde.

No Brasil, essa mudança tem buscado discutir e (re) construir as práticas grupais e coletivas, sejam elas realizadas por meio de ações territoriais ou de ações comunitárias (Aoki & Oliver, 2013; Correia & Ackerman, 2015; Lopes et al., 2011). Igualmente, em outras partes do globo, terapeutas ocupacionais e cientistas ocupacionais também vêm enfatizando a necessidade de investigar os fenômenos ocupacionais para além dos seus condicionantes individuais, considerando, portanto, variáveis pouco exploradas anteriormente, como por exemplo, a influência da experiência coletiva na superação de iniquidades sociais (Dickie et al., 2006; Magalhães & Galheigo, 2010; Leclair, 2010; Ramugondo & Kronenberg, 2015; Rudman, 2013). Em síntese, as práticas coletivistas de terapeutas ocupacionais têm visado a participação social e a emancipação, priorizando a transformação real das condições de vida das pessoas (Kronenberg, et al., 2007). Vale acrescentar que na terapia ocupacional brasileira, o trabalho com grupos abrange diferentes contextos, inspirado por intervenções grupais oriundas de diferentes campos do saber. A mudança de uma perspectiva individualista para outra, coletivista, nos permite fazer uma leitura distinta do trabalho com grupos. Deste modo, este artigo tem como objetivos principais:

1. problematizar as práticas coletivas de terapeutas ocupacionais, no Brasil;
2. exemplificar as práticas coletivas com as ações de um grupo de nove

- terapeutas ocupacionais que atuam numa perspectiva coletiva, em diferentes regiões do Brasil; e
3. discutir de que forma os grupos têm sido pensados/ realizados nas práticas de terapeutas ocupacionais.

As práticas sociais e coletivas da terapia ocupacional no Brasil: uma perspectiva para o trabalho grupal

A formação de terapeutas ocupacionais no Brasil iniciou-se em meados dos anos 50. Seu surgimento ocorreu por influência de iniciativas das Nações Unidas e do Movimento Internacional de Reabilitação (Galheigo & Oliver, 2016). O conhecimento que se tinha naquele período, no Brasil, era peculiar a um determinado momento teórico e epistemológico da profissão, que se baseava em práticas biomédicas, de corte reducionista. Vale enfatizar, portanto, que a formação em terapia ocupacional no Brasil teve sua origem na formação anglo-saxã, cuja implementação se deu por meio da difusão em vários países na área de reabilitação física e mental no período pós Segunda Guerra (Galheigo et al., 2018).

Em meados de 1960, a profissão recebe outras influências, primeiramente com o advento da psiquiatria social de Luís Cerqueira (Cerqueira, 1965) bem como das comunidades terapêuticas, momento em que a profissão iniciou o uso da abordagem socioterápica. Adotavam-se abordagens como o grupo operativo, os grupos com famílias e os ateliês e oficinas de atividade (Galheigo et al., 2018). Assim, temos o início da perspectiva humanista na produção nacional da profissão e a universidade ganhou um papel central para expansão das práticas de terapeutas ocupacionais, em geral articuladas às práticas desenvolvidas pelos estudantes, na comunidade. Na década de 1970 inicia-se o questionamento acerca da real possibilidade de se promover a reabilitação em uma sociedade que mantém a exclusão da diferença e o mascaramento institucional das problemáticas sociais.

A construção de intervenções coletivas começou, então, a se fortalecer a partir das lutas sociais pela conquista dos direitos dos grupos excluídos (Galheigo, 1997). A terapia ocupacional se deparou com questionamentos essenciais para pensar suas ações voltadas para espaços de vivência, cooperativas de ajuda, espaços de referência e de convivência (Barros, et al., 2002). O papel de adaptador social passou a

dar lugar ao papel de articulador social, abandonando a ação terapêutica enquanto prática alienante e almejando práxis sociais emancipadoras (Barros et al., 2002).

Com o intuito de impulsionar a discussão e a defesa de uma “perspectiva ampliada” para toda a terapia ocupacional, Malfitano (2016) propõe uma discussão do contexto social como elemento essencial em todas as ações da profissão, independente do grupo e da subárea em que esteja inserida. Em outras palavras:

O extravasamento do setting terapêutico fechado e institucionalizado possibilitou ultrapassar também o escopo de atuação profissional, ampliando a atenção de sujeitos individualizados para sujeitos coletivos e de uma assistência pontual à dinamicidade e complexidade da vida cotidiana, ou seja, da inseparabilidade existente entre a singularidade do sujeito e grupos sociais e a história social que os constitui, abordando os processos socioeconômicos, políticos e culturais existentes. (Bianchi & Malfitano, 2020, p. 636).

As perspectivas coletivistas da terapia ocupacional

O cotidiano concreto de vida das pessoas é conflito, é mediação, é tentativa. Como a gente pode fazer isso da forma mais participativa, que possa resultar em maior possibilidade de participação e inserção das pessoas? (Martha Minatel, participante do estudo)

Este artigo resume partes de uma tese de doutorado (Barbosa, 2020), realizada através de uma construção coletiva, com entrevistas a um grupo de 9 terapeutas ocupacionais, além da autora e sua orientadora. O objetivo foi investigar de que forma terapeutas ocupacionais pensam/desenvolvem a dimensão coletiva das suas ações.

A pesquisa incluiu profissionais que fossem terapeutas ocupacionais, atuassem no território brasileiro e tivessem pelo menos um ano de experiência com intervenções coletivas. Durante o desenvolvimento do trabalho de campo, buscamos abranger o maior número possível de regiões do país, na tentativa de compreender as práticas das profissionais em diferentes contextos culturais, econômicos e políticos.

Para a localização e convite aos profissionais, utilizou-se a técnica de “bola de neve” (*snowball sampling*) e por meio de uma busca nas redes virtuais ou pessoais de terapeutas ocupacionais (Vinuto, 2014).

As entrevistas foram gravadas em áudio e após a transcrição, feitas pela primeira autora, demos (participantes e autoras) continuidade ao trabalho de produção colaborativa das narrativas. Leituras exaustivas das histórias consolidadas foram feitas, em busca de temas comuns, inspiradas na análise temática (Braun & Clarke, 2006).

Durante o processo de produção dos dados, tomamos em conjunto a decisão de abandonar o sigilo sobre a identidade das participantes, com o seu unânime consentimento. Segue uma breve apresentação das experiências de trabalho das¹ participantes.

Participantes	Experiências de trabalho
Martha Aoki (Terapeuta ocupacional)	Experiências de trabalho tendo como referencial teórico a Reabilitação Baseada na Comunidade, com foco na saúde e reabilitação de pessoas com deficiência. Suas abordagens têm sido grupais, individuais e comunitárias. Sua experiência abrange o Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência, no qual ela, com a equipe e usuários, têm trabalhado temas ligados aos direitos destas pessoas.
Beatriz Soltermann (Terapeuta ocupacional)	Experiências de trabalho têm uma perspectiva socioeducativa, que prioriza a convivência e a troca de experiência. Atualmente faz parte de um grupo de inclusão pelo trabalho com mulheres, na sua maioria cuidadoras/responsáveis pelos adolescentes que estão em cumprimento da medida de liberdade assistida. Embora situado no âmbito da instituição (espaço físico), o trabalho conta com outros parceiros institucionais e comunitários.
Rosângela Melo (Terapeuta ocupacional)	Experiência em trabalhos em hospital psiquiátrico, hospital dia, CAPS, no Conselho de Saúde Mental e com trabalhos comunitários, desde 1984. Busca no trabalho a articulação com outros serviços e parcerias. Tem tido importante papel para abertura de serviços de Saúde Mental com base na Reabilitação Psicossocial. Acaba de assumir a função de chefe de gabinete na Secretaria Municipal de Saúde do seu estado.
Tânia Terra (Terapeuta ocupacional e docente)	Experiências de trabalho no Programa de Saúde do Adolescente (PMCG), no Programa Resgate (em Campos), no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de Rio das Ostras/RJ, no Ambulatório de Saúde Mental de Barra de São João/RJ. Atualmente trabalha na Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes (PMCG), como matriciadora de Saúde Mental com a Estratégia de Saúde de Família (ESF) e na Faculdade de Medicina de Campos (FMC) – como professora na área de Saúde Mental.

Ana Paula Malfitano (Docente)	Experiências de trabalhos comunitários ligados à Secretaria Estadual de Cultura, com lideranças dos movimentos sociais, como o da luta por moradia. Trabalhou na gestão e articulação política de diferentes serviços, como o CAPS e um abrigo de jovens. Tem atuado na pesquisa e na intervenção com população em situação de rua, crianças e adolescentes em situação de exploração sexual, além de outras (os) parceiros como a escola, ONGs.
Ricardo Correia (Docente)	Experiência de trabalhos com alguns Centros de Atenção Psicossocial na cidade de São Paulo, coordenou atividades dentro do projeto de extensão vinculado ao Projeto Rondon São Paulo, em Itapeva. Também trabalhou com a inclusão do trabalho na Saúde Mental. Atualmente intervém e pesquisa ações de desenvolvimento local, a partir das ocupações coletivas, junto com população tradicionais, para pensar também políticas de planejamento urbano, sob a perspectiva do direito à cidade.
Monica Villaça (Docente)	Experiências de trabalho em projetos do Laboratório Metuia-UFSCar com jovens, em CAPS, em hospital psiquiátrico e em uma instituição para medidas sócio educativas na cidade de São Carlos. Suas experiências mais recentes concentram-se no Complexo do Alemão (RJ), com intervenções urbanas de arte-cultura no território com a população jovem.
Martha Minatel (Docente)	Experiências de trabalho com crianças com deficiência e em programas de medidas socioeducativas em meio aberto. Na docência suas ações de ensino e pesquisa acontecem junto a comunidades, em associações comunitárias, escolas, e serviços sócio assistenciais. Suas experiências com práticas coletivas estão focadas no ciclo da infância e da juventude, envolvendo trabalhos com a associação de bairro, serviços sócios assistenciais e escolas.
Ana Maria Silvello (Docente)	Experiências de trabalho em escolas, hospitais psiquiátricos e no CRAS - Centro Regional de Assistência Social – com crianças com deficiência auditivas e com cadeirantes. Atualmente trabalha no ensino e na pesquisa em instituições de acolhimento no formato de Casas lares e repúblicas para crianças e adolescentes.

Quadro elaborado pelas autoras.

Reflexões acerca do trabalho com grupos e a ocupação coletiva: um diálogo possível

Todos nós precisamos defender o que queremos e acho que é um ponto de partida para mim. No final do dia, se eu não vou lutar minha pequena batalha, ninguém vai. (Enigma (participante) apud Sondag, et al., 2019, p. 375)

A discussão proposta por terapeutas ocupacionais e cientistas ocupacionais, acerca da natureza complexa do engajamento humano nos universos ocupacionais, vem se ampliando para mudar a orientação da prática, ou seja, contesta-se a orientação excessivamente individualista até aqui hegemônica no estudo da ocupação (Dickie, et al., 2006; Fogelberg & Frauwirth, 2010; Leclair, 2010; Ramugondo & Kronenberg, 2015; Rudman, 2013). Ramugondo & Kronenberg (2015) enfatizam que têm sido dada atenção insuficiente para o que impulsiona o engajamento humano coletivo. Além disso, os autores destacam que a ênfase recente nas perspectivas socioculturais da ocupação não vem resolvendo adequadamente uma certa visão dicotômica persistente entre o individual e o coletivo, bem como a compreensão do que está envolvido na construção e sustentação da comunidade ou da sociedade, inclusive considerando que as ocupações coletivas podem ser inclusivas ou não. Longe de uma visão romantizada, Ramugondo e Kronenberg (2015) propõem, então, uma tentativa de definição para a ocupação coletiva, introduzindo a noção de ‘intencionalidade’ na explicação dos fundamentos da ocupação e partindo da noção de *ubuntu*.

Ocupações que são realizadas por indivíduos, grupos, comunidades e / ou sociedades em contextos cotidianos; estas podem refletir uma intenção de coesão ou disfunção social, e / ou o avanço ou aversão a um bem comum. As ocupações coletivas podem ter consequências que beneficiam algumas populações, e não outras. A definição que propomos pressupõe a importância da intencionalidade em relação ao engajamento humano coletivo. O ‘bem comum’, no entanto, deve permanecer contraditório, necessitando de um processo social para o consenso, que por si só pode refletir a ocupação humana coletiva; como a participação pública em referendos ou estruturas de políticas dentro de uma determinada sociedade. (Ramugondo & Kronenberg, 2015, p. 10, tradução nossa).

Essa perspectiva parte da ética interativa africana para demonstrar como as ocupações coletivas se manifestam em um contínuo entre relações opressivas e libertadoras, buscando compreender e contribuir para a superação da dicotomia individual-coletivo na conceituação da ocupação humana (Ramugondo & Kronenberg, 2015). Partindo de perspectivas sociais, culturais e coletivas da ocupação, o trabalho com grupos torna-se uma ponte entre o indivíduo e a sociedade, criando oportunidades de experimentar algo com outros indivíduos. O encontro com o outro deve ser entendido como o encontro com o coletivo, com a diversidade, “e é essa mistura, o encontro entre a pessoa e outros que faz que agenciamentos se multipliquem, produzam singularizações” (Jurdi & Brunello, 2015, 253). O processo dá-se, então, por mediações e criações de terapeutas ocupacionais, nas quais o cuidado com as relações e aquilo que emerge das mesmas é a matéria prima dos encontros, visando a autonomia dos grupos (Costa, 2015). Para que essas ações sejam feitas, Ballarin (2015) enfatiza as vicissitudes da formação de terapeutas ocupacionais acerca do trabalho com grupos, ressaltando a importância da articulação entre as estruturas curriculares e o desenvolvimento de políticas públicas de saúde, educação e assistência social, por meio de interações entre docentes, pesquisadores, profissionais e estudantes.

A leitura dos contextos: o processo social e político do trabalho com coletivos

O trabalho coletivo também depende de um contexto para acontecer (Marta Aoki, participante do estudo)

A coerência e o conhecimento das participantes acerca das teorias grupais aliadas ao trabalho nos diferentes contextos sociais e culturais, a partir de uma perspectiva coletiva, mostrou que a maioria das situações vividas demandam referenciais metodológicos para dar sustentação ao trabalho com grupos. Monica relata suas experiências com grupos de jovens em uma favela do Rio de Janeiro (RJ), utilizando-se dos referenciais de território (Vieira et al., 2020) e Ricardo descreve o seu trabalho com as ocupações de uma população ribeirinha, utilizando referenciais da ocupação humana e do Desenvolvimento Local Participativo (DLP):

No projeto, para discutir diferentes temas com os jovens, por exemplo, seja através de oficinas, utilizo o grupo como um dispositivo para fazer isso, sobre diversos temas. Um exemplo de como o contexto influi nas nossas práticas, foi no momento da eleição no Brasil, percebemos como os debates realizados em grupo refletiram no posicionamento político desses jovens, na articulação deles com outros coletivos do território, como o da arte e da cultura. Eles começaram a pensar que através desses coletivos eles podem ir atrás de informações, da conquista ao direito de acesso à cidade, e por aí. (Monica).

Por exemplo, o trabalho com grupo, pode ser uma estratégia sob uma perspectiva social da coletividade, quando fazemos rodas de conversa, a estratégia da roda de conversa é grupal, então tem uma abordagem grupal para conduzir as rodas de conversa. Só que esse dispositivo grupal precisa estar conectado com a perspectiva do coletivo. (Ricardo).

Essa discussão traz contribuições teóricas sobre os processos grupais, fundamentando-os a partir de perspectivas sociais. Marta Aoki relata o seu trabalho com grupos, sustentado pela Reabilitação Baseada na Comunidade², que considera fundamental para se pensar a participação das pessoas com deficiência, no reconhecimento dos recursos e das parcerias na comunidade,

Eu faço esse trabalho de ir para a comunidade entender as condições de vida das pessoas, entender a partir dos vários casos que a gente ia tendo contato, qual a necessidade que emergia (...) O que tem de coletivo nisso que se pede? Tínhamos que pensar em como dar respostas mais coletivas. Uma delas foi pensar na criação do Grupo de Convivência, para que pudesse agregar mais pessoas, e que aquilo pudesse ecoar, não só no grupo, mas em outros projetos/ serviços daquela comunidade. (Marta Aoki).

Em nosso estudo, o trabalho com grupos foi problematizado em diferentes momentos das práticas contextualizadas nas ações coletivas das profissionais. Os exemplos, inseridos em um contexto de práticas articuladas às necessidades dos grupos vulneráveis, nos permitem refletir sobre os grupos que já existiam nos lugares onde a vida acontece (cultura), e aqueles que foram formados pela mediação do trabalho das participantes, a partir do olhar cuidadoso sobre o território. Isso nos leva a pensar: Por que as pessoas se ocupam? Com que finalidade? Quais os significados daquilo que realizam em conjunto? (Ramugondo

& Kronenberg, 2015, p. 6). No caso, Ramugondo e Kronenberg propõem uma reorientação amparada na cultura, construída na relação entre os indivíduos e a comunidade, em constante desenvolvimento, num processo dinâmico de criação. Isso pode ser exemplificado por Rosângela, que descreve suas experiências com uma população ribeirinha, na região norte do país, ao se deparar com a situação de desnutrição das crianças da comunidade. Foi criado um projeto que possibilitou a alimentação, bem como no ganho de peso, através de grupos de famílias que dentre outras atividades, construíram hortas em suas casas. Na época, sendo a única com formação técnica e considerando a necessidade das pessoas em ler e entender melhor o mundo, passou a alfabetizar os adultos, orientada pelos ensinamentos propostos pelo educador Paulo Freire. Tradicionalmente estas atividades estariam fora do escopo da prática de terapeutas ocupacionais, mas para Rosângela, a realidade ditou o que precisava ser feito:

Outra necessidade que percebi foi o fato de as pessoas não saberem ler e escrever. Como eu e meu marido tínhamos uma inserção na Universidade do Amazonas me convidaram para fazer um curso de extensão do método do Paulo Freire de alfabetização. Trabalhei 3 anos com a turma de alfabetização de adultos em Paricatuba à noite, sem luz elétrica, com uma estrutura mínima de um espaço que tinha desocupado. Um me deu uma lousa, outro me deu uns negócios, outro me deu um botijão de gás e um lampião a gás, por que era preciso ter iluminação para as aulas. Fiz uma lista com as pessoas que estavam interessadas em aprender a ler, eram uns 12 adultos. Mas não tínhamos cadeira, assim, no dia que ia começar vinha todo mundo com a cadeira na cabeça para a gente montar a nossa sala. (Rosângela).

As experiências de Ricardo se inscrevem nas ocupações realizadas por uma comunidade de povos tradicionais em seus contextos cotidianos³ (Correia et al., 2018) na região sudeste do Brasil. Os desafios marcados por um contexto social e histórico, por ações opressoras, nas experiências junto à comunidade quilombola, compreende o samba, modalidade de dança trazida ao país pelos povos escravizados, como uma ocupação que reflete a coesão do bem comum, apresentando-se também como forma de resistência cultural, conforme a definição de ocupação coletiva (Ramugondo & Kronenberg, 2015),

O samba tem um significado muito importante, que diz de uma dimensão da produção sociocultural daquela comunidade específica, mas que também diz de uma dimensão que é nacional, ou latino-americana, porque tem toda uma memória e uma construção do samba que diz do funcionamento daquelas/ pessoas e do modo como elas se organizam, por exemplo, o samba lá no Quilombo - a história do samba como ocupação tradicional, cultural e coletiva, trata da história do povo negro, de suas resistências ao sistema escravagista, suas manifestações de ordem cultural e religiosa, seus modos de alimentação, a dança, entre muitos aspectos de atividades que compõem a ocupação do samba. O samba é uma ocupação coletiva, porque ele tem uma forma ocupacional de acontecer, ele tem uma série de funções que exerce naquele contexto local e na vida das próprias pessoas de forma individual e coletiva, e ainda tem um significado muito importante. (Ricardo).

Ana Maria também menciona a sua experiência com as cuidadoras das casas lares³ (Pereira & Tamanini, 2020), relatando aspectos dos processos ocupacionais do grupo, em práticas desenvolvidas por estudantes de terapia ocupacional de uma universidade brasileira:

Meu objetivo com o grupo é o de auxiliar na formação delas, contribuir para que elas possam pensar nessas práticas de cuidado, oferecer um espaço para que elas possam falar, um espaço para que elas possam trocar experiências, dúvidas, estratégias de cuidado com o outro e de si, uma conversar com a outra sobre o que é cuidado, o que elas podem aprender entre elas, o que os alunos podem aprender com elas, ou seja, o grupo todo tem isso como um aprendizado. Mas principalmente é isso, ajudá-las a pensar nesta prática de cuidado. (Ana Maria).

Ainda enfatiza a necessidade de uma discussão política mais ampla, citando a formulação de políticas públicas para o grupo de trabalhadoras nesta função:

E também espero, com esse trabalho, que possamos repensar nas políticas que norteiam essas mulheres. A profissão de cuidadora de casas lares é muito antiga e precisa ser atualizada. Então, quero contribuir (pesquisa de doutorado) de alguma forma para que isso seja atualizado e que traga melhores condições de trabalho para essa classe profissional e diretamente para as crianças e adolescentes acolhidos. (Ana Maria).

Beatriz com suas experiências de trabalho situadas numa perspectiva socioeducativa, que prioriza a convivência e a troca de experiências de um grupo de trabalho com mulheres, na sua maioria cuidadoras/responsáveis por adolescentes que estão em cumprimento de medida de liberdade assistida⁴. A despeito de ser desenvolvido nos espaços físicos institucionais, o trabalho conta com parceiros comunitários, com o objetivo de que as mulheres possam mudar as suas realidades:

Minha prática no grupo Maria Retalho⁵ é para um bom relacionamento entre elas, para que elas mudem sua realidade, e para que elas percebam que podem mudar sua realidade e ter um bom produto para vender, e elas escolhem estar nesse grupo. (Beatriz).

Referenciais teóricos que sustentam as práticas coletivas em Terapia Ocupacional: alguns exemplos

Eu gosto quando o Milton Santos fala que o território é vivo, então, se ele é vivo, ele vai influir nas nossas práticas, ele é influenciado e influi. (Monica, participante do estudo)

O trabalho com grupos variou de acordo com os referenciais teóricos de cada profissional. Em síntese, ocorreram duas modalidades de intervenção coletiva: os grupos de perspectiva operativa: rodas de conversa, oficina de atividades, grupos focais, grupos temáticos, e de outro lado os grupos terapêuticos, como os grupos de atividades baseadas em artes. Ana Silvello, relata seus referenciais para acompanhar um grupo de cuidadoras nas casas lares, onde trabalhou o tema *O cuidado de si e do outro*:

Hoje na sociologia, estudo as teóricas feministas que pesquisam o cuidado como Carol Gilligan, Joan Tronto, Pascale Molinier, Viviane Zelizer, Helena Hirata entre outras. Tronto (2103) defende o cuidado democrático, o cuidado não só deve acontecer com quem está perto da gente, nós temos que cuidar não só das pessoas mais próximas. Isto configura uma preocupação coletiva, na minha opinião. (Ana Maria).

Marta Aoki, por sua vez, justifica a escolha dos seus referenciais teórico-metodológicos situando seu trabalho na Rede de Atenção Básica, com ênfase no território⁶, ao mesmo tempo em que também reconhece referenciais próprios da terapia ocupacional.

A Reabilitação Psicossocial ajuda muito a pensar nessa questão sobre as necessidades das pessoas, os autores que falam sobre grupos Pichon Riviére entre os terapeutas ocupacionais, a própria Viviane Maximino (Maximino & Liberman, 2015), essa gente que ajuda a pensar como fazer grupos, isso eu fico muito atenta, tanto os grupos quanto ações coletivas, de garantir o que é importante em um grupo, que todas as pessoas possam se escutar, que a gente possa se olhar. (Marta Aoki).

Monica, justifica a escolha de seus referenciais a partir da população à qual o projeto se destina:

Nessa perspectiva de trabalhar com a juventude do Complexo do Alemão (Rio de Janeiro), a partir de uma dimensão territorial, utilizamos referenciais teóricos da terapia ocupacional do campo social e de outros autores, como Paulo Carrano, Lucia Rabello de Castro, Licia Valladares, Jorge Luiz Barbosa, Adriana Facina. São autores que já estudam a questão das favelas do Rio há algum tempo ou que trabalham diretamente com juventude, ou as duas coisas, e eles têm me ajudado a entender um pouco mais esse contexto que pensa a questão da favela e da juventude aqui no Rio (Vieira et al., 2020), que têm algumas características próprias, inclusive, de dimensões coletivas de cuidado e de organização (Monica).

Assim, podemos inferir que os referenciais são múltiplos e que ultrapassam os limites dos processos terapêuticos, alcançando elementos culturais e sócio-políticos.

Implicações e considerações finais

A despeito dos cuidados que tivemos, a pesquisa que deu origem a este artigo teve alguns fatores limitantes. Embora tenhamos convidado terapeutas ocupacionais de diferentes regiões do país, não se pode dizer que esse grupo representa todo o contingente profissional no Brasil. Profissionais em início de carreira, ou atuando em contextos distintos,

poderiam apresentar experiências diferentes das aqui relatadas, o que, obviamente, nos impede de sugerir qualquer generalização desses resultados.

Neste estudo, o diálogo entre o trabalho com grupos e o conceito de ocupação coletiva proposto por Ramugondo e Kronenberg (2015) ficou bem evidenciado. Esse grupo de terapeutas ocupacionais brasileiras, que se propõe a trabalhar a partir de modelos inovadores de atenção no território, sempre priorizou as ações coletivas, o que sugere a necessidade de maior aporte sobre teorias de ações grupais, assim como as intervenções de caráter coletivista. Mesmo nas ações institucionais, notamos que suas práticas transcendem os espaços tradicionais, seja entendendo que as ações reverberam em outros campos, seja pela consolidação de novas políticas públicas. As necessidades de cada grupo foram sempre enfatizadas a partir das escolhas dos próprios grupos, nos quais as terapeutas atuavam como facilitadoras, respeitando e garantindo as decisões apontadas, e sustentadas por referenciais teóricos sólidos e fundamentados. Essa contínua relação de aprendizagem através da prática associada à reflexão, revelada nas narrativas, nos remete a Paulo Freire (1993). Para o autor, a educação permanente é o resultado do processo de formação e da consciência de que na existência humana sempre podemos saber mais.

As experiências de trabalho com grupos, narradas neste projeto, nos reiteram os aspectos constituintes do binômio indivíduo – coletivo, bem como o sentido reverso, ou seja, do coletivo ao indivíduo. Isso porque as identidades são sempre constituídas a partir de experiências situadas social, cultural e politicamente. Respeitar o movimento, o desenvolvimento e as escolhas dos grupos permitiu às participantes tecer projetos coletivos solidários capazes de oferecer esperança e mudança, mas sobretudo conhecimento, para si mesmas, e para o campo da Terapia Ocupacional: “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e uns com os outros” (Freire, 1996, p. 57).

Referências

- Aoki, M. & F. C. Oliver (2013): “Pessoas com deficiência moradoras de bairro periférico da cidade de São Paulo: estudo de suas necessidades”. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, 21 (2), pp. 391-398.
- Ballarin, M. L. G. S. (2015): “A formação do terapeuta ocupacional: conversando sobre o ensino de grupos de grupos e em grupos”, in Maximino, V. & Liberman, F. (orgs): *Grupos e Terapia Ocupacional: formação, pesquisa e ações*, São Paulo, pp. 27-47.
- Barbosa, M. M.A. (2020): *Práticas de Terapia Ocupacional: uma investigação a partir do conceito de ocupação coletiva (2016-2020)*, Tese de Doutorado em Terapia Ocupacional - Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Barros, D. D. et al. (2002): “Terapia ocupacional social”, *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, 13(3), pp. 95-103.
- Bianchi, P. C., y A. P. S. Malfitano (2020): “Território e comunidade na terapia ocupacional brasileira: uma revisão conceitual”, *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(2), pp. 621-639.
- Cerqueira, L. (1965): *Pela reabilitação e psiquiatria: da praxiterapia à comunidade terapêutica*, Rio de Janeiro, Brazil.
- Correia, R. L. y M. Akerman (2015): “Desenvolvimento local participativo, rede social de suporte e ocupação humana: relato de experiência em projeto de extensão”, *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 26(1), pp.159-65.
- Correia, R.L. et al. (2018): “Processo de inclusão e participação quilombola nas políticas urbanas da cidade”, *Revista Brasileira Interinstitucional de Terapia Ocupacional*. Rio de Janeiro, 2(4), pp. 827-839.
- Costa, S. L. (2012): “Terapia Ocupacional Social: dilemas e possibilidades da atuação junto a Povos e Comunidades Tradicionais”, *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. São Carlos, 20(1), pp. 43-54.
- Costa, S. L. (2015): prefácio, in Maximino, V. & Liberman, F. (orgs): *Grupos e Terapia Ocupacional: formação, pesquisa e ações*, São Paulo, pp. 07-09.
- Dickie, V. et al. (2006): “Occupation as Transactional Experience: A Critique of Individualism in Occupational Science”, *Journal of Occupational Science*, 13(1), pp. 83-93.
- Farias, L. et al. (2018): “Critical dialogical approach: A methodological direction for occupation-based social transformative work”, *Scandinavian Journal of Occupational Therapy*, 26(4), pp. 235-245.
- Fogelberg, D. y S. A. Frauwirth (2010): “Complexity Science Approach to
-
- 24 *Groupwork Vol.32(1), pp.9-42*

- Occupation: Moving Beyond the Individual”, *Journal of Occupational Science*, 17(3), pp. 131-139.
- Franco, P. V. & J. P. Cervera (2006): *Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem se entende*, Cannabrava, s/l: UNIFEM (ONU).
- Freire, P. (1993): *Política e Educação*, Indaiatuba, Villa of Letters.
- Freire, P. (1996): *Pedagogia do Oprimido*, São Paulo: Paz e Terra, pp. 57-76.
- Galheigo, S. M. (1997): “Da adaptação psicossocial à construção do coletivo: a cidadania enquanto eixo”. *Revista de Ciências Médicas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas*, 6(2/3), pp. 105-108.
- Galheigo, S. M. (2011): “What needs to be done? Occupational therapy responsibilities and challenges regarding human rights”, *Australian Occupational Therapy Journal*, 58(2), pp. 60- 66.
- Galheigo, S.M. y F.C. Oliver (2016): “Occupational Therapy in Brazil”, en Algado S. S. et al. (2016): *Occupational Therapies from the South: human rights, citizenship and participation*, Chile, Editorial USACH, pp. 69-74.
- Galheigo, S. M. et al. (2018): “Produção de conhecimento, perspectivas e referências teórico-práticas na terapia ocupacional brasileira: marcos e tendências em uma linha do tempo”, *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, 26(4), pp. 723-738.
- Jurdi, A. P. S. y M. I. B. Brunello (2015): “Brincando em grupo: uma proposta de intervenção na prática clínica da terapia ocupacional com crianças”, in Maximino, V. & Liberman, F. (orgs): *Grupos e Terapia Ocupacional: formação, pesquisa e ações*, São Paulo, pp. 252-263.
- Kronenberg, F. et al. (2007): *Occupational Therapy without Borders. Learning from the spirit of survivors*, Madrid, Espanha, Médica Panamericana.
- Leclair, L. L. (2010): “Re-examining concepts of occupation and occupation-based models: Occupational therapy and community development”, *Canadian Journal of Occupational Therapy*, 77(1), pp.15-21.
- Leite, I. B. (2000): “Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas”, *Jornal etnográfico*, 4(5), pp. 333-354.
- Lopes R. et al. (2011): “Acompanhamento individual e articulação de recursos em terapia ocupacional social: compartilhando uma experiência”, *O Mundo da Saúde*, São Paulo, 35(2), pp.233-238.
- Magalhães, L. & S. M. Galheigo, S. M. (2010): “Enabling international communication among Brazilian Occupational Therapists: seeking consensus on occupational terminology”, *Occup. Ther. Int.*, 17, pp.113–124.
- Magalhães, L et al. (2018): “The development of occupational science outside the Anglophone sphere: Enacting global collaboration”, *Journal of Occupational Science*, 26(2), pp. 181-192.

- Malfitano, A. P. S. (2016): “Contexto Social e atuação social: generalizações e especificidades na terapia ocupacional”, in Lopes, R. E. & A. P. S. Malfitano, A.P.S. (Org.). *Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos*. São Carlos: Edufscar, p. 116-133.
- Moreira, A. B. (2008): “Terapia Ocupacional: história crítica e abordagens territoriais/comunitárias”, *Vita e Sanitas*, Trindade, 2(2), pp. 79 – 91.
- Pereira, A. M. S. & M. Tamanini (2020): “Decisões teórico metodológicas para uma aproximação do cuidado realizado por mulheres nas casas lares”, *Revista Instituto Política para Mulheres de Curitiba*, 1(1), pp. 121-142.
- Ramugondo, E. I. & F. Kronenberg (2015): “Explaining Collective Occupations from a Human Relations Perspective: Bridging the Individual-Collective Dichotomy”, *Journal of Occupational Science*, 22(1), pp. 3-16.
- Rudman, D. L. (2013): “Enacting the Critical Potential of Occupational Science: Problematizing the ‘Individualizing of Occupation’”, *Journal of Occupational Science*, 20(4), pp. 298-313.
- Santos, M. (1999): *O território e o saber local: algumas categorias de análise*, Cadernos Ippur, 2, pp. 15-25.
- Sunday, A. et al. (2019): “Professional role transgression as a form of occupational consciousness”, *Journal of Occupational Science*, 26(3), pp. 366-378.
- Oliver, M, F. et al. (2003): “Reabilitação com ênfase no território – Jardim D’Abril e Jardim Boa Vista, no município de São Paulo”, *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 14(3), p. 141-6.
- Tronto, J. C. (2013): *Caring democracy: Markets, equality, and justice*, New York, New York University Press.
- Vieira Filho P.R.S. et al. (2020): “As experiências e significados do “Projeto Juventude(S)”. *Revista de Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional do Rio de Janeiro*, 4(2), pp. 137-143.
- Vinzon, V. et al. (2020): “Um panorama das práticas comunitárias da terapia ocupacional na América Latina”, *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional de São Carlos*, 28(2), pp.600-620.
- World Health Organization (2010): *Community-based rehabilitation: CBR guidelines*. Available at who.int/disabilities/cbr/guidelines/es/. Acesso em: 19 ago. 2019.

Notas

1. As autoras deste artigo apoiam o combate ao uso do masculino genérico (falso neutro) nas publicações. Dessa maneira, sempre que possível, utilizaremos o feminino genérico, pois falamos de um universo composto por 8 mulheres e 1 homem (Franco & Cervera, 2006).
2. A Organização Mundial de Saúde (OMS) criou a reabilitação baseada na comunidade (RBC) após a Declaração de Alma-Ata em 1978, sendo promovida como uma estratégia para melhorar o acesso aos serviços de reabilitação para pessoas com deficiências nos países de média e baixa renda, fazendo melhor uso dos recursos locais. Nas últimas décadas, a RBC evoluiu para uma estratégia multisetorial para cuidar de demandas mais amplas das pessoas com deficiências, garantindo sua participação e inclusão na sociedade, promovendo sua qualidade de vida. (OMS, 2010).
3. Casa lar - Serviço de Acolhimento provisório e excepcional para até 10 crianças e adolescentes de ambos os sexos, de 0 a 17 anos e 11 meses, inclusive crianças e adolescentes com deficiência em situação de medida de proteção e em situação de risco pessoal, social e de abandono, cujas famílias ou responsáveis encontrem-se temporariamente impossibilitados de cumprir sua função de cuidado e proteção, até que seja viabilizado o retorno ao convívio com a família de origem ou, na sua impossibilidade, encaminhamento para família substituta.
4. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei Federal 8069/90), são medidas aplicáveis ao adolescente que pratica um ato infracional (a conduta descrita como crime ou contravenção penal). A medida somente é aplicada após o devido processo legal.
5. Essa expressão foi escolhida pelo grupo de trabalho e significa Maria Retalho porque as mulheres trabalham reciclando e costurando com peças de tecidos vários acessórios para serem comercializados.
6. Utilizamos a referência de Milton Santos (1999), geógrafo brasileiro que entende o território como o lugar onde acontece a vida real e concreta, para além dos contornos geográficos.

Working with groups and collective occupation in Brazil: Some theoretical and methodological notes

Maitê Allegretti¹, Lilian Magalhães²

Abstract: This article discusses a conceptualization of working with groups from an expanded logic, circumscribed in a collectivist perspective of occupational therapy practices. Since groups are one of the profession's forms of intervention, its references, depending on the perspective of the actions and even the contexts involved, are the most diverse to seek solutions to collective needs. Thus, this article aims to: 1 - problematize the collective practices of occupational therapists in Brazil since the 1970s; 2 - document the actions of nine occupational therapists who work from a collective perspective in different regions of Brazil; and 3 - discuss how groups have been thought about/carried out in the practices of occupational therapists. The text describes the general aspects of the narrative research that gave rise to the article, carried out using a participatory model. The results expose a mosaic of experiences, guided by different references and perspectives depending on the contexts and needs of individuals, groups and collectives in territories and communities. The enormous day-to-day challenges faced by professionals who carry out their actions based on paradigms that are different from traditional models and, in a way, go against contemporary trends, are also presented and discussed. Finally, strategies for improving these processes are suggested.

Key words: occupational therapy; groups; collective occupation; contexts

1. Manager at the Specialized Rehabilitation Center of the SUS, Colatina, Espírito Santo, Brazil

2. Adjunct Professor of Occupational Therapy, Department at the Federal University of São Carlos, SP, Brazil

Correspondence: maite.to.1980@gmail.com

Introduction

In the global context, individualism and a lack of commitment to others have become a reality, in which collectivism is perceived with suspicion and ethical responsibilities and long-term commitments lose their meaning. On the other hand, the shift from traditional spaces to a new locus, namely the street, public spaces and everything that Milton Santos calls “places of realization of the world” (1999, p. 7), has also been transforming the practice of occupational therapists. The historical construction of occupational therapy interventions in Brazil has been marked by ethical, political and technical issues, which have led not only occupational therapists, but other professionals, to rethink their social roles. Thus, the shift from an individualist perspective to a collectivist one has been essential to respond to social and health issues.

In Brazil, this change has sought to discuss and (re)construct group and collective practices, whether they are carried out through territorial actions or community actions (Aoki & Oliver, 2013; Correia & Ackerman, 2015; Lopes et al., 2011). Similarly, in other parts of the world, occupational therapists and occupational scientists have also been emphasizing the need to investigate occupational phenomena beyond their individual conditioning factors, thus considering variables that have not been explored before, such as the influence of collective experience in overcoming social inequities (Dickie et al., 2006; Magalhães & Galheigo, 2010; Leclair, 2010; Ramugondo & Kronenberg, 2015; Rudman, 2013). In short, the collectivist practices of occupational therapists have aimed at social participation and emancipation, prioritizing the real transformation of people’s living conditions (Kronenberg, et al., 2007). It is worth adding that in Brazilian occupational therapy, working with groups covers different contexts, inspired by group interventions from different fields of knowledge. The shift from an individualist perspective to a collectivist one allows us to take a different view of working with groups. This article therefore has the following main objectives:

1. To problematize the collective practices of occupational therapists in Brazil;
2. exemplify collective practices with the actions of a group of nine occupational therapists who work from a collective perspective in

different regions of Brazil;

3. discuss how groups have been thought about or realized in the practices of occupational therapists.

The social and collective practices of occupational therapy in Brazil: a perspective for group work

The training of occupational therapists in Brazil began in the mid-0s. Its emergence was influenced by initiatives from the United Nations and the International Rehabilitation Movement (Galheigo & Oliver, 2016). The knowledge that was available at that time in Brazil was particular o a certain theoretical and epistemological moment in the profession, which was based on biomedical, reductionist practices. It is worth emphasizing, therefore, that occupational therapy training in Brazil had its origins in Anglo-Saxon training, which was implemented through diffusion in several countries around physical and mental rehabilitation in the post-World War II period (Galheigo et al., 2018).

In the mid-1960s, the profession received other influences, first with the advent of Luís Cerqueira's social psychiatry (Cerqueira, 1965) as well as therapeutic communities, at which point the profession began to use the socio therapeutic approach. Approaches such as the operative group, groups with families and activity workshops were adopted (Galheigo et al., 2018). This was the beginning of the humanist perspective in the national education of the profession and the university played a central role in expanding the practices of occupational therapists, generally linked to the practices developed by students in the community. In the 1970s, questions began to be asked about the real possibility of promoting rehabilitation in a society that maintained the exclusion of difference and the institutional masking of social problems.

The construction of collective interventions then began to grow stronger because of social struggles to win the rights of excluded groups (Galheigo, 1997). Occupational therapy was faced with essential questions to think about its actions aimed at living spaces, help cooperatives, reference spaces and coexistence (Barros, et al., 2002). The role of social adapter gave way to the role of social articulator, abandoning therapeutic action as an alienating practice and aiming for emancipatory social praxis (Barros et al., 2002).

To promote the discussion and defense of an “expanded perspective” for occupational therapy, Malfitano (2016) proposes a discussion of the social context as an essential element in all the profession’s actions, regardless of the group and sub-area in which it is inserted. In other words:

Breaking out of the closed and institutionalized therapeutic setting also made it possible to go beyond the scope of professional action, expanding attention from individualized subjects to collective subjects and from one-off assistance to the dynamism and complexity of everyday life, in other words, the inseparability that exists between the singularity of the subject and social groups and the social history that constitutes them, addressing the existing socio-economic, political and cultural processes (Bianchi & Malfitano, 2020, p. 636).

Collectivist perspectives on occupational therapy

People’s concrete daily lives are conflict and mediation attempts. How can we do this in the most participatory way, that can result in greater possibilities for people’s participation and inclusion? (Martha Minatel, study participant)

This article summarizes parts of a doctoral thesis (Barbosa, 2020), carried out through collective construction, with interviews with a group of 9 occupational therapists, performed by the first author and her supervisor. The aim was to investigate how occupational therapists think about/develop the collective dimension of their actions.

The research included professionals who were occupational therapists, worked in Brazil and had at least one year’s experience with collective interventions. During the fieldwork, we tried to cover as many regions of the country as possible, to understand the practices of professionals in different cultural, economic and political contexts.

To locate and invite the professionals, we used the *snowball sampling* technique and searched the virtual or personal networks of occupational therapists (Vinuto, 2014). The interviews were audio-recorded and after transcription by the first author, we (participants and authors) continued working on the collaborative production of the narratives. Exhaustive readings of the consolidated stories were made in search of common themes, inspired by thematic analysis (Braun & Clarke, 2006).

During the process of producing the data, we jointly took the decision

to discard the confidentiality of participants' identities, with their unanimous consent. Here is a brief presentation of the participants' work experiences.

Participant	Experience
Martha Aoki	Martha's experiences are based on the theoretical framework of Community-Based Rehabilitation, with a focus on the health and rehabilitation of people with disabilities. Her approaches have been group, individual and community based. Her experience includes the Municipal Council for People with Disabilities, where she, along with the team and users, have worked on issues related to the civil rights of these people.
Beatriz Soltermann	Her work experiences have a socio-educational perspective, which prioritizes living together and sharing experiences. It is currently part of an inclusion group working with women, most of whom are carers/guardians of teenagers who are under probation. Although it is located within the institution (physical space), the work has other institutional and community partners.
Rosangela Melo	Experienced working in psychiatric hospitals, day hospitals, CAPS, the Mental Health Council and community work since 1984. She seeks to work with other services and partnerships. She has played an important role in opening mental health services based on psychosocial rehabilitation. She has just taken on the role of chief of staff at her state's Municipal Health Department.
Tânia Terra	She has worked in the Adolescent Health Program (PMCG), the Rescue Program (in Campos), the Psychosocial Care Center (CAPS) in Rio das Ostras/RJ, and the Mental Health Outpatient Clinic in Barra de São João/RJ. Currently she works at Campos dos Goytacazes City Hall (PMCG), as a Mental Health coordinator with the Family Health Strategy (ESF) and at Campos Medical School (FMC) - as a lecturer in Mental Health.

Ana Paula Malfitano	Experience of community work linked Ana Paula to the State Department of Culture, with leaders of social movements, such as the struggle for housing. She has worked in the management and political coordination of different services, such as CAPS and a youth shelter. She has worked in research and intervention with homeless people, children and adolescents in situations of sexual exploitation, as well as other partners such as schools and NGOs.
Ricardo Correia	He has experience working with some Psychosocial Care Centers in the city of São Paulo, coordinating activities within the extension project linked to the São Paulo Rondon Project in Itapeva. He has also worked with in Mental Health. He is currently working on and researching local development actions based on collective occupations, together with traditional populations, in order to think about urban planning policies from the perspective of the right to access the city.
Monica Villaça	She has worked on Metuia-UFSCar Laboratory projects with youth , in CAPS, in a psychiatric hospital and in an institution for socio-educational measures in the city of São Carlos. Her most recent experiences have focused on Complexo do Alemão (RJ), with urban art-culture interventions in the territory with young people.
Martha Minatel	She has experience working with children with disabilities and in open-ended socio-educational programs. Her teaching and research activities take place in communities, in community associations, schools and social welfare services. Her experiences with collective practices are focused on the childhood and youth cycle, involving work with neighborhood associations, social welfare services and schools.
Ana Maria Silvello	She has worked in schools, psychiatric hospitals and CRAS - the Regional Social Assistance Center - with hearing-impaired children and wheelchair users. She currently works in teaching and research in foster care institutions in the form of homes and hostels for children and adolescents.

Chart drawn up by the authors.

Reflections on working with groups and collective occupation: a possible dialogue

We all need to stand up for what we want and

I think it's a starting point for me.

*At the end of the day, if I'm not going to fight
my little battle, no one will.*

(Enigma (participant) apud Sunday, et al., 2019, p. 375)

The discussion proposed by occupational therapists and occupational scientists about the complex nature of human engagement in occupational universes has been expanding to change the orientation of practice, in other words, challenging the excessively individualistic orientation that has hitherto been hegemonic in the study of occupation (Dickie, et al., 2006; Fogelberg & Frauwirth, 2010; Leclair, 2010; Ramugondo & Kronenberg, 2015; Rudman, 2013). Ramugondo & Kronenberg (2015) emphasize that insufficient attention has been paid to what drives collective human engagement. Moreover, the authors point out that the recent emphasis on sociocultural perspectives of occupation has not adequately addressed a certain persistent dichotomous view between the individual and the collective, as well as the understanding of what is involved in building and sustaining community or society, including considering that collective occupations can be inclusive or not. Far from a romanticized view, Ramugondo and Kronenberg (2015) then propose an attempt to define collective occupation, introducing the notion of 'intentionality' in explaining the foundations of occupation and starting from the notion of *ubuntu*.

Occupations that are carried out by individuals, groups, communities and / or societies in everyday contexts; these can reflect an intention of social cohesion or dysfunction, and / or the advancement or aversion of a common good. Collective occupations can have consequences that benefit some populations and not others. The definition we propose presupposes the importance of intentionality in relation to collective human engagement. The 'common good', however, must remain contradictory, necessitating a social process for consensus, which itself can reflect collective human occupation, such as public participation in referendums or policy frameworks within a given society. (Ramugondo & Kronenberg, 2015, p. 10).

This perspective draws on African interactive ethics to demonstrate how collective occupations manifest themselves on a continuum between oppressive and liberating relationships, seeking to understand and contribute to overcoming the individual-collective dichotomy in the conceptualization of human occupation (Ramugondo & Kronenberg, 2015). Starting from the social, cultural and collective perspectives of occupation, working with groups becomes a bridge between the individual and society, creating opportunities to experience something with other individuals. The encounter with the other should be understood as the encounter with the collective, with diversity, “and it is this mixture, the encounter between the person and others that causes agencies to multiply, to produce singularizations” (Jurdi & Brunello, 2015, 253). The process is then mediated and created by occupational therapists, in which care for relationships and what emerges from them is the raw material of the meetings, with the aim of the autonomy of the groups (Costa, 2015). In order for these actions to take place, Ballarin (2015) emphasizes the vicissitudes of training occupational therapists in working with groups, highlighting the importance of articulation between curricular structures and the development of public health, education and social assistance policies, through interactions between teachers, researchers, professionals and students.

Reading contexts: the social and political process of working with collectives

Collective work also depends on a context to take place (Marta Aoki, study participant)

The participants' coherence and knowledge of group theories combined with their work in different social and cultural contexts, from a collective perspective, showed that most of the situations they experienced require methodological references to support their work with groups. Monica reports on her experiences with groups of young people in a favela in Rio de Janeiro (RJ), using the references of territory (Vieira et al., 2020) and Ricardo describes his work with the occupations of a riverside population, using references of human occupation and Participatory Local Development (PLD):

In the project, I use the group as a way of discussing different topics with the young people, for example, either through workshops or on various subjects. One example of how the context influences our practices was during the elections in Brazil. We saw how the debates held in groups had an impact on the political positioning of these young people, on their articulation with other collectives in the area, such as art and culture collectives. They began to think that through these collectives they could go after information, the right to access the city, and so on.” (Monica).

For example, working with groups can be a strategy from the social perspective of collectivity. When we do round tables, the round table strategy is group-based, so there’s a group approach to conducting the round tables. But this group device needs to be connected to the collective perspective. (Ricardo).

This discussion makes theoretical contributions to group processes, basing them on social perspectives. Marta Aoki reports on her work with groups, supported by Community-Based Rehabilitation, which she considers fundamental for thinking about the participation of people with disabilities, recognizing the resources and partnerships of communities,

I do this job of going out into the community to understand people’s living conditions, to understand, from the various cases we come into contact with, what needs emerge (...) What is collective about what is being asked? We had to think about how to provide more collective responses. One of them was to think about creating the Coexistence Group, so that it could bring together more people, and so that it could echo, not only in the group, but in other projects/services in that community. (Marta Aoki).

In our study, working with groups was problematized at different moments in the practices contextualized in the professionals’ collective actions. The examples, set in a context of practices linked to the needs of vulnerable groups, allow us to reflect on the groups that already existed in the places where life happens (culture), and those that were formed through the mediation of the participants’ work, based on a careful look at the territory. This leads us to think: Why do people occupy themselves? For what purpose? What are the meanings of what they do together (Ramugondo & Kronenberg, 2015, p. 6)? In this case,

Ramugondo and Kronenberg propose a reorientation based on culture, built on the relationship between individuals and the community, in constant development, in a dynamic process of creation. This can be exemplified by Rosângela, who describes her experiences with a riverside population in the north of the country (Amazonian region), when faced with the malnutrition of the community's children. A project was set up to provide food, as well as weight gain, through groups of families who, among other activities, built vegetable gardens in their homes. At the time, being the only one with technical training and considering people's need to read and understand the world better, she began to teach literacy to adults, guided by the teachings proposed by educator Paulo Freire. Traditionally, these activities would be outside the scope of occupational therapists' practice, but for Rosângela, the reality dictated what needed to be done:

Another need I realized was that people didn't know how to read and write. As my husband and I were working at the University of Amazonas, I was invited to take an extension course in Paulo Freire's literacy method. I worked for three years with the adult literacy class in Paricatuba at night, without electricity, with a minimal structure in a random space I had secured. One person gave me a blackboard, another gave me some business supplies, another gave me a gas cylinder and a gas lamp, because it was necessary to have lighting for the classes. I made a list of the people who were interested in learning to read, there were about 12 adults. But we didn't have a chair, so on the day we were going to start, everyone would come with a chair on their head so we could set up our classroom." (Rosângela).

Ricardo's experiences relate to the occupations carried out by a community of traditional peoples in their daily contexts (Correia et al., 2018) in southeastern Brazil. The challenges marked by a social and historical context, by oppressive actions, in the experiences with the quilombola community, encompass samba, a dance modality brought to the country by enslaved peoples, as an occupation that reflects the cohesion of the common good, also presenting itself as a form of cultural resistance, according to the definition of collective occupation (Ramugondo & Kronenberg, 2015),

Samba has a very important meaning, which speaks to a dimension of the

socio-cultural production of that specific community, but which also speaks to a dimension that is national, or Latin American, because there is a whole memory and construction of samba that speaks to the functioning of those people and the way they organize themselves, for example, samba there in the Quilombo - the history of samba as a traditional, cultural and collective occupation, deals with the history of the black people, their resistance to the slave system, their cultural and religious manifestations, their ways of eating, dancing, among many aspects of activities that make up the occupation of samba. Samba is a collective occupation, because it has an occupational way of happening, it has a series of functions that it performs in that local context and in the lives of the people themselves individually and collectively, and it also has a very important meaning. (Ricardo).

Ana Maria also mentions her experience with caregivers in nursing homes (Pereira & Tamanini, 2020), reporting on aspects of the group's occupational processes, in practices developed by occupational therapy students at a Brazilian university:

My aim with the group is to help train them, to help them think about these care practices, to offer a space for them to talk, a space for them to exchange experiences, doubts, strategies for caring for others and for themselves, to talk to each other about what care is, what they can learn from each other, what the students can learn from them, in other words, the whole group has this as a learning experience. But mainly it's this, helping them to think about this practice of care." (Ana Maria).

She also emphasizes the need for a broader political discussion, citing the formulation of public policies for the group of female workers in this position:

I also hope that with this work we can rethink the policies that guide these women. The profession of home care worker is very old and needs to be updated. So, I want to contribute (doctoral research) in some way so that this is updated and brings better working conditions for this professional class and directly for the children and adolescents in care. (Ana Maria).

Beatriz's work experiences are based on a socio-educational perspective, which prioritizes the coexistence and exchange of experiences of a working group with women, most of whom are carers/guardians of adolescents who are under probation. Despite being

developed in physical institutional spaces, the work has community partners, with the aim that the women can change their realities:

My practice in the Maria Retalho group is for a good relationship between them, for them to change their reality, and for them to realize that they can change their reality and have a good product to sell, and they choose to be in this group. (Beatriz).

Theoretical references that support collective practices in Occupational Therapy: some examples

I like it when Milton Santos says that territory is alive, so if it's alive, it will influence our practices, it is influenced by and influences it. (Monica, study participant)

Working with groups varied according to the theoretical references of each professional. In short, there were two types of collective intervention: groups with an operative perspective: conversation circles, activity workshops, focus groups, thematic groups, and therapeutic groups, such as arts-based activity groups. Ana Silvello reports on her references for accompanying a group of caregivers in nursing homes, who worked on the theme of *caring for oneself and others*:

Today in sociology, I study feminist theorists who research care, such as Carol Gilligan, Joan Tronto, Pascale Molinier, Viviane Zelizer, Helena Hirata and others. Tronto (2103) defends democratic care: care should not only happen to those close to us, we must care not only for those closest to us. In my opinion, this is a collective concern (Ana Maria).

Marta Aoki, for her part, justifies her choice of theoretical-methodological references by situating her work in the Primary Care Network, with an emphasis on the territory, while also recognizing references specific to occupational therapy.

Psychosocial Rehabilitation helps a lot to think about this issue of people's needs, the authors who talk about groups, Pichon Riviére among occupational therapists, such as Viviane Maximino herself (Maximino & Liberman, 2015). These people

who help to think about how to make groups, this is something I'm very attentive to, both groups and collective actions, to ensure what is important in a group, that all people can listen to each other, that we can look at each other. (Marta Aoki).

Monica justifies her choice of references based on the population the project is aimed at:

In this perspective of working with the youth of Complexo do Alemão (Rio de Janeiro), from a territorial dimension, we use theoretical references from occupational therapy in the social field and other authors, such as Paulo Carrano, Lucia Rabello de Castro, Licia Valladares, Jorge Luiz Barbosa, Adriana Facina. These are authors who have been studying the issue of Rio's favelas for some time or who work directly with youth, or both, and they have helped me to understand a little more about this context that thinks about the issue of favelas and youth here in Rio (Vieira et al., 2020), which have some characteristics of their own, including collective dimensions of care and organization (Monica).

Thus, we can infer that the references are multiple and go beyond the limits of therapeutic processes, reaching cultural and socio-political elements.

Implications and final considerations

Despite the care we took, the research that led to this article had some limiting factors. Although we invited occupational therapists from different regions of the country, it cannot be said that this group represents the entire professional contingent in Brazil. Professionals at the start of their careers, or working in different contexts, could have different experiences to those reported here, which obviously prevents us from suggesting any generalization of these results.

In this study, the dialogue between working with groups and the concept of collective occupation proposed by Ramugondo and Kronenberg (2015) was evident. This group of Brazilian occupational therapists, who propose to work with innovative models of care in the territory, have always prioritized collective actions, which suggests the need for greater input on theories of group actions, as well as interventions of a collectivist nature. Even in institutional actions, we have noticed that their practices transcend traditional spaces, either

by understanding that their actions reverberate in other fields, or by consolidating new public policies. The needs of each group were always emphasized based on the choices of the groups themselves, in which the therapists acted as facilitators, respecting and guaranteeing the decisions made, and supported by solid and well-founded theoretical references. This continuous relationship of learning through practice associated with reflection, revealed in the narratives, brings us back to Paulo Freire (1993). For the author, permanent education is the result of the training process and the awareness that in human existence we can always learn more.

The experiences of working with groups recounted in this project reiterate the constituent aspects of the binomial individual - collective, as well as the reverse, i.e. from the collective to the individual. This is because identities are always constituted from socially, culturally and politically situated experiences. Respecting the movement, development and choices of the groups allowed the participants to weave collective solidarity projects capable of offering hope and change, but above all knowledge, for themselves and for the field of Occupational Therapy: “Knowledge only exists in invention, in reinvention, in the restless, impatient, permanent search that men make in the world, with the world and with each other” (Freire, 1996, p. 57).

References

References are listed above at the end of the Spanish original

Notes

1. The authors of this article support the fight against the use of the generic masculine (false neutral) in publications. Therefore, whenever possible, we will use the generic feminine, since we are talking about a universe made up of 8 women and 1 man (Franco & Cervera, 2006).
2. The World Health Organization (WHO) created community-based rehabilitation (CBR) after the Declaration of Alma-Ata in 1978, promoting it as a strategy to improve access to rehabilitation services for people with

disabilities in low- and middle-income countries, making better use of local resources. In recent decades, CBR has evolved into a multisectoral strategy to address the broader demands of people with disabilities, ensuring their participation and inclusion in society and promoting their quality of life (WHO, 2010).

3. Secret places where runaway slaves would hide or go, often concealed in the woods. Later, freedom communities were formed, some of which are still active today, despite the abolition of slavery. This has been a relevant topic since the early movements of African resistance during the period of colonial slavery in Brazil (Leite, 2000).
4. Casa lar - A temporary and exceptional shelter service for up to 10 children and adolescents of both sexes, aged 0 to 17 years and 11 months, including children and adolescents with disabilities who are under protective measures and at personal, social and abandonment risk, whose families or guardians are temporarily unable to fulfill their care and protection role, until they are able to return to their family of origin or, if this is not possible, are referred to a substitute family.
5. According to the Statute of the Child and Adolescent (ECA - Federal Law 8069/90), these are measures applicable to adolescents who commit an infraction (conduct described as a crime or misdemeanor). The measure is only applied after due legal process.
6. This expression was chosen by the working group and means Maria Retalho because the women work by recycling fabric scraps and sewing them together to craft products to be sold.
7. We reference Milton Santos (1999), a Brazilian geographer who understands territory as the place where real and concrete life happens, beyond geographical contours.